

NO PRINCÍPIO ERA O VERBO...

SEMENTES DE ETERNIDADE

Uma leitura de *Génesse seguido de Constelações* de António Ramos Rosa*

SOFIA DE MELO ARAÚJO**

sofiademeloaraujo@hotmail.com

“O verdadeiro artista não destrói o uso do pensamento racional, mas transforma-o totalmente através do sentido poético.”

António Ramos Rosa, *Poesia Liberdade Livre*

António Ramos Rosa, nascido em Faro em 1924, surge no panorama português como uma das vozes mais coerentes, equilibradas e possantes da poesia do século XX.

* Trabalho originalmente apresentado ao seminário “Caminhos da Poesia Portuguesa Contemporânea: do Modernismo ao Pós-modernismo” do Curso Integrado de Estudos Pós-graduados em Literaturas Românicas.

** Estudante de doutoramento.

Após duas incursões na capital, repartidas pelas décadas de 40 e 50 e das quais resultam os notáveis poemas “O Funcionário Cansado” e “O Boi da Paciência” e a assim notória frustração de colarinho branco¹ dum trajecto tantas vezes tornado paralelo ao de Pessoa, embora marcadamente incapaz da duplicidade de acomodação externa e fogo criador interno do escriturário de início do século, mas das quais irrompe também uma consciência social² e literária³ acrescida, António Ramos Rosa muda-se definitivamente para a capital em 1962, já após um percurso poético que incluiu a direcção de revistas como *Árvore* (1951-53), *Cassiopeia* (1955) e *Cadernos do Meio-Dia* (1958), publicações cuja parca duração se deve à mão fria e azulada da censura do Estado Novo português. 1958 vira, igualmente, surgir o primeiro livro de poesia publicado⁴ por António Ramos Rosa: *O Grito Claro*, ainda em Faro. Ao longo de uma extensíssima obra, da qual todos desejamos estar bem longe de ver o ponto de chegada, a escrita do poeta foi marcada por uma clara profusão de temas, estilos, objectivos, mas nunca de meio: para além dos ensaios críticos, geralmente metapoéticos, a pena de Rosa conhece já de cor, na alma, os recantos da Poesia, seu único género literário de eleição. Há, no entanto, um claro movimento binário no discurso poético, que surge de forma verdadeiramente explícita na sua mais recente obra, *Génese seguido de*

¹ É a primeira fase da “(...) frieza dos dias exemplares, na monotonia duma vida oca, burocrática” (Maria Graciete Besse, 1981: 35).

² Cf. Gastão Cruz, 1999: 67.

³ “(...) apesar de manter em alerta a sua consciência cívica e de nunca ter verdadeiramente abandonado um ideário humanista de fraternidade poética (mas não só)...” (Ana Paula Coutinho Mendes, “Prefácio a *Antologia Poética*”, in António Ramos Rosa, 2001: 9).

⁴ O próprio autor relatou ter iniciado a escrita poética muito antes, mas ter apagado todos os vestígios.

*Constelações*⁵, fulcro central deste trabalho: há, assim, simultaneamente, uma direcção interna, introvertida, voltada para a natureza mesma do fenómeno poético e para uma reflexão geral em torno do acto de escrita, uma espécie de meta-escrita de lucidez extrema, e uma outra direcção voltada para o exterior, marcada por uma universalmente forte consciência existencial e, logo, necessariamente, cívica.⁶ Não apenas quando ergue a voz pela justiça, mas também quando comunga do medo, da ânsia e da esperança do humano num todo que desconhece, António Ramos Rosa dá voz a um Humano, colectivo feito Uno, essa unidade que tanto anseia, ou, então, pelo menos, a única unidade possível.

Confrontados com a poesia de António Ramos Rosa, cumpre que nos lembremos que não estamos perante um pulsar lírico, vivido ao compasso da paixão, mas antes diante de um exercício de reflexão⁷ apaixonadamente sublimado em poema.⁸ A sua poesia é, então, a criação de um real alternativo no “espaço totalizador do poema” (Maria Graciette Besse, 1981: 30), mas através da observação, reflexão e compreensão do real.⁹ Realço que todo o cariz fortemente intelectualizado

⁵ *Génesis seguido de Constelações*, Lisboa, Roma Editora, 2005. A identificação das citações desta obra consistirá apenas na indicação do número de página.

⁶ Surgem, no entanto, candidamente unidas estas direcções opostas numa “busca incessante e lúcida, ora tensa, ora radiosa, duma realidade outra pelo exercício da linguagem” (Jacinto do Prado Coelho, 1981: 69 (sublinhado meu)).

⁷ “misto de inocência e sagesa” (Urbano Tavares Rodrigues, 1991: 9).

⁸ “A distância que o homem sente em relação ao mundo tem uma correspondência na linguagem (...)” (António Ramos Rosa, “O Poema Aberto e Nu”, in *A Parede Azul*, 1991: 13).

⁹ “É abrindo um caminho ao pensamento que na poesia escrita por António Ramos Rosa se conquista a possibilidade do poema. Esse caminho é o da interrogação, um modo de descolagem da realidade como coisa certa e praticável. (...) Há uma sabedoria no poema (...) que não corresponde por conseguinte a um saber disponível que preexiste à sua expressão. Escrever um poema é uma afirmação de

da obra do poeta não é de todo sinónimo de uma poesia obscura¹⁰, mas sim luminosa, solar, como lhe chama Paula Cristina Costa¹¹, aberta ao Mundo, numa luta por uma unidade nunca plenamente atingida, excepto no verso¹².

Uma viagem pelas ideias em *Génese e Constelações*

Génese

“O que é o amor” (p. 9)

Na busca de um princípio fundador que proporcione ao mundo a explicação maior e um reequilíbrio original, o Amor surge como potencial resposta. O Amor como fusão¹³, como anulação do indivíduo e, logo, da solidão, numa ilusão de eternidade: “na primavera da matéria eterna” – para além do carácter perecível comumente atribuído a ‘matéria’, a escolha de Primavera, estação do nascimento, mas também do fugaz, anula a perenidade numa ilusão vegetal, como a folha primaveril que cedo sucumbe. A noção de inicial, de

liberdade (...) Escapa-se ao determinismo propondo invenções em que o efémero possa mergulhar” (Silvina Rodrigues Lopes, 2001).

¹⁰ “(...) a extrema exigência desta poesia é toda aceitação, que a cada instante, a cada instar do pulso, se consuma (...) A dificuldade desta poesia nada tem a ver com o cultivo de qualquer hermetismo, qualquer garantia de um posto de mestrado na transmissão do saber.” (Miguel Serras Pereira, 1981: 29). “(...) Ramos Rosa não aspira a deslumbrar-nos: a sua claridade é a das verdades humildes (...)” (Vergílio Ferreira, “Avidez Fecunda, Claridade”, in *Espaço do Invisível I*, 1965: 161).

¹¹ Cf. Paula Cristina Costa, 2002.

¹² “(...) no reduzido vocabulário ramos-rosiano (...)” (Jorge Fernandes Silveira, 1979: 74).

¹³ “o ser que se perde no ser”.

possibilidade, é, no entanto, retomada na definição do Amor como “Acontecimento absoluto sempre no início” – permanece o desejo de absoluto como possibilidade crível quando surge o Amor, impossível de condensar em palavras¹⁴. No entanto, a forma como o Amor transforma a percepção do Real coloca ao sujeito questionador a dúvida de ser o Amor resposta ou escape, explicação ou ilusão. A alteração da ideia do mundo surge de forma prazenteira¹⁵, proporcionando uma agradável impressão de conhecimento¹⁶ que, no entanto, não passa de suspensão voluntária (e única possível¹⁷) do Logos¹⁸. No entanto, o próprio desconhecimento (“Tudo é voluptuosamente novo para os amantes/ que vivem no início do mundo e sem o saber amam o deus inicial”) não é frustrante, mas, também ele, fonte de encanto, ao garantir a permanente descoberta num “permanente jardim”. Apesar de todas as antíteses que, à semelhança desta, surgem no poema, representarem a consciência de o Amor ser mera ilusão de permanência, o seu poder encantatório e o facto de surgir como única aproximação possível ao real inicial são suficientes para gerar a esperança num “conhecimento espontâneo” irreduzível a uma linguagem sempre refém da lógica, ainda que poética¹⁹, sem fogo e sem transparência. Sucumbe, assim, a lógica e o discurso, ao “gozo absoluto/ de uma dupla Fénix”, de um Amor nascido das cinzas da existência que, ainda que por breves instantes, rende a leitura do real (e logo, a palavra) ao seu encanto.

¹⁴ “qual a grafia que segue as suas volutas”.

¹⁵ “Metamorfose do espaço sob delicadas arcadas”.

¹⁶ “conhecimento gracioso de deslumbrantes delicadezas” (sublinhado meu).

¹⁷ e assim, desejada.

¹⁸ “entrega-se ao sortilégio”.

¹⁹ “Ó língua humana ó língua deste livro/ como poderás dizer a plenitude desse conhecimento espontâneo/ se tu não és de lava nem de crystal/ e não tens o líquido encanto da música” (sublinhados meus).

“Sentimos os passos vãos” (p. 13)

Uma vez mais vivemos a tensão entre a consciência do sem sentido e a necessidade de esperança. Sabemos no íntimo que caminhamos para nenhures²⁰, mas agarramo-nos à carne, pelo reconhecimento da vacuidade de tudo o resto²¹. Ainda assim, mesmo com a lucidez da idade que nos faz reconhecer-nos como “espectro”, somos sempre um “espectro” que deseja o conforto de uma resposta²², de uma lógica imutável²³. No entanto, a nossa esperança sucumbe ao “como se”, ao “mas” e reconhecemos que a vida não tem lógica, “tumultua”. Não obstante esta compreensão, a ânsia de plenitude e de conforto é tal que o corpo fala mais alto no desejo do que o desespero da alma, seja na fusão com o outro, seja no encontro com o eu.²⁴ Assim, busca na carne a alma “encontrar o repouso de não ser nada de não querer ser nada”, aceitar, enfim, (ou pelo menos sublimar) a ilogicidade do mundo. O conhecimento na “transparência viva” do desejo, cumprida a “plácida volúpia/ de não pertencer unicamente à vacuidade solar de não ser ninguém”, denuncia, no final do poema, a impossibilidade de sequer conceber mentalmente a satisfação encontrada no nada, denunciando-a como uma ilusão de segunda potência.

“Não podemos ter a certeza da nomeação” (p. 15)

Somos confrontados desde o primeiro verso com o grande drama poético de Ant3nio Ramos Rosa, que est3 intrinsecamente ligado ao seu drama existencial: a incerteza de tudo. Entre a nossa leitura da

²⁰ “Sentimos os passos vãos...”.

²¹ “corpo/ que a velhice torna mais precioso”.

²² “Somos apenas um espectro que aspira ao repouso à vagarosa simetria/ dos objectos”.

²³ “como se fossem f3bulas fossilizadas.”.

²⁴ “Se o corpo n3o alcança o corpo amado/ bebe da sua pr3pria nascente como um felino embriagado”.

realidade e a realidade há um corte²⁵ que só criativamente conseguimos ultrapassar, criando uma fábula, no sentido tão rosiano de ficção com sentido, com propósito, com lógica. Essa ficção é a da retoma de uma gênese mítica de união absoluta do disperso eternamente prometida a si próprio pelo ser humano, como ponto de chegada²⁶. Há, no entanto, uma alternativa – talvez fugaz, talvez escapista, mas definitivamente doce. Trata-se de uma resignação prazerosa no engano, no prazer, no deleite: “fazer um pacto com o inexprimível”, “aceitar o insondável” e “embalar-nos”. Note-se a escolha deste último verbo, com toda a carga de regresso à infância, a um estado genésico de aparente naturalidade e absoluta compreensão, mas que é, ele próprio, um adormecimento. Trata-se de encontrar um estado que, soporiferamente, anule o desespero existencial. É o, igualmente inexprimível²⁷, encanto da união sexual, pela sua irredutibilidade à lógica e pela magia da (re²⁸)criação a partir da fusão do essencialmente igual²⁹. Assim prazer, sexo e reprodução surgem como escapes para o desespero. A mente pode atingir o reconhecimento do vazio e, uma vez lúcida, não se liberta mais, mas o corpo insiste em criar sentidos, prazeres, retornos, alternativas, panaceias enfim.

“Nada é mais real” (p. 17)

“Nada é mais real do que o não ser no ser” – não temos a essência, mas apenas um conhecimento por negação. Desejamos conduzir

²⁵ “Entre o acto ou a coisa e a palavra há uma cesura intransponível/ Vivemos paralelamente entre dois mundos como estranhos”.

²⁶ “uma unidade que será sempre incerta ou futura ou improvável”.

²⁷ “nenhuma palavra poderá dizer o frémio desse instante absoluto”.

²⁸ “a ave subterrânea” – fénix.

²⁹ “encontrar o outro para beijar nele a sua própria boca”.

a palavra a um hipotético estado cratiliano³⁰, a uma “nascente”, mas sabemos, no âmagô, estar a palavra realmente vazia, oca de essência anterior à convenção. Uma vez mais é no corpo que se encontra o mais próximo a um sentido original, é no seu funcionamento intrínseco, particularmente no emotivo, que se encontram os fósseis desse significado primeiro, ou pelo menos, o rasto da sua existência. Mas o corpo não consegue transportar o seu sentido até à razão e, necessariamente, até à linguagem. Nessa impossibilidade, mas com a esperança das provas encontradas na pele, resta-nos a submissão à “condição do não-sentido e duma arbitrária geometria” e incitar o olhar a maravilhar-se com as *coisas do mundo*, com um mundo mero “simulacro” de uma existência real, lógica.

“O lábio aproxima-se” (p. 20)

Neste poema experimentamos, enfim, uma melhor compreensão do apaziguar erótico do desespero existencial proposto. É na impossibilidade, no inatingível, no “nunca-será” que o lábio buscará o outro que se oferece como uma “folha de sono e de silêncio de ser-não-ser”, de oblívio, de anulação do ser na fusão imaterial. E o lábio converte-se em mão beijando o lábio branco da folha em que desliza. É a escrita poética a única aproximação racional capaz de reunir em si a percepção existencial e a capacidade de entrega do corpo, carne e olhar, lábio e palavra, na busca do “infinitesimal momento em que o lábio toca e não toca o outro lábio”, o puro começo.

³⁰ “(...) trabalho de discriminação e de nomeação que nos veio separar do todo cósmico” (Hélia Correia, “Prefácio”, in António Ramos Rosa e Isabel Aguiar Barcelos, *Bichos Instantâneos*, 2005).

“Ninguém espera de nós uma palavra” (p. 25)

O mais duro reconhecimento existencial é o da solidão universal, ou pelo menos, com um grão de esperança, o da impossibilidade de confirmação de um desígnio, de um propósito, de uma protecção. Numa sucessão sem vírgulas a minorar o desespero, num progressivo reconhecimento, esclarecimento, “somos nós que temos de inventar o que em nós nada espera”, num misto de inocência esperançosa, mas também da condição da incerteza humana que nos leva a precisar que alguém espere, a não usufruir de uma liberdade que implica a ausência de protecção, a vulnerabilidade total. A poesia, então, como ponto máximo da escrita, afirma-se como tentativa de aproximação ao sublime, ao divino, à verdade, em luta contra o sem sentido, perseguindo “a fugidia promessa/ de uma hora em que tudo se reúna e respire como se a vida inteira/ pudesse condensar-se numa profusa e suspensa corola imponderável” (sublinhado meu). Apesar da descrença do uso do condicional, o sujeito é humanamente incapaz de desistir de toda a esperança e encontra numa corola solar projectada sobre o poema o reflexo da Vida, do Sol, do desconhecido e assim se refaz o princípio da esperança na divinização do desconhecido.

“Vamos de sequência em sequência” (p. 27)

Num contínuo incessante, oscilamos entre a fuga à consciência plena da irredutibilidade do sem sentido³¹ e a busca de sentidos, ainda que irreais, e de momentos de paz³². Repare-se, no entanto, que toda esta estratégia de caminho não visa cumprir o trajecto da vida humana, mas sim retornar a um princípio desconhecido, cuja existência se coloca em dúvida, mas se deseja. A insegurança é total (“talvez” repete-se e só “às vezes” vemos “o rosto puro de Astreia”, temos

³¹ “confinados no incessante movimento que não nos leva a nenhum porto”.

³² “tentamos não ser nada ou apenas o peso opaco de um abandono”.

consciência do todo), não sabemos sequer se existe o nosso ponto de chegada, a resposta às dúvidas universais; o “corpo”, o desejo, a vontade, “faz-nos pensar que podemos ascender à esfera sútil”, mas sabemos ser ilusão da vontade. No entanto, por vezes corpo e razão parecem entrelaçar-se numa crença sublimada, numa fuga maior, já conquista e não mero idílio de aroma de hortênsias. Desviámo-nos da sensibilidade singela, do contentamento imediato, das alegrias breves e aspiramos a reencontrá-los no infinito. Perdemos o desfrute do presente quando percebemos a fragilidade do futuro e aspiramos a reencontrá-lo num presente eterno, sem futuro a temer.

“Entre dois poemas” (p. 28)

Neste longo poema é explorado o estado permanentemente intermédio do homem que atingiu a lucidez, mas não está preparado para viver vazio de esperança, entre o poema “que já³³ se apagou”, a crença ultrapassada pela razão, e “o que não se acendeu ainda”, a crença inatingida, porque se exige já compreensão plena. Vivemos num túnel de penumbra “entre duas lâmpadas”: da primeira afastámo-nos ao perceber a forma como é fátua e irreal, deixando de ser capaz de nos iluminar. A segunda faz-nos percorrer o túnel na esperança de nela encontrar luz eterna que apague todas as sombras de dúvida. Buscámo-la na natureza, na beleza, no amor e na escrita. “Mas este sonho do desejo é vão”. De novo centro-me no corpo, no milagre da vida feito encantamento de prazer. E tento transmiti-lo à escrita: “Só assim poderei encontrar para além das imagens o ritmo da unidade pura”. Juntar-se-ão, então, a solaridade apolínea e as delícias dionisíacas num poema recheado da seiva da vida, “mutilada mas de centelhas vivas”.

³³ Implica o ‘já’ a noção de que todos, mais cedo ou mais tarde se apagarão?

“O sentido é uma ingênua formação que respira” (p. 30)

Se até este momento vivemos um percurso razoavelmente coerente nos mais distintos poemas de reconhecimento do drama existencial seguido de gênese de uma nova esperança, uma primeira rápida leitura deixa-nos a ideia de ter este poema o percurso totalmente inverso. No entanto, a realidade não é precisamente essa. O poema parte imediatamente da percepção de ser o sentido uma criação humana que permanece porque o ser humano anseia por um oásis no deserto da existência³⁴. Avança mesmo as habituais esperanças na sua qualidade real de meros pensamentos (um segredo que revelará o sentido de tudo e permitirá um recomeço sem os escolhos da realidade). Há um mas, e note-se que o ‘mas’ surge neste poema já não para trazer a luz de uma esperança, mas antes para destruir todas as expectativas. Quem o traz é o tempo³⁵, indiferente à nossa sede de eternidade. O poema parece cabal na declaração do não-sentido como “irredutível” e na noção de que “nenhum mistério vibra” e de que “Nada pode redimir o desamparo essencial o tremor de ser sem ser nos abismos da existência”. A segurança surge como ilusão infantil denunciada com crueza. No entanto, surge uma estrofe final que, acredito, poderia ser encabeçada também por um ‘mas’, ainda que talvez mais débil, porque já acidulado³⁶ por tudo o dito. Impera a palavra como recolhendo “a luz do improvável” que lhe poderá permitir reconstruir uma ordem universal.

³⁴ “O sentido é uma ingênua [ingenium+inocência] formação que respira/ e não culmina porque é o frémito/ da identidade na distância ou num inesperado oásis”.

³⁵ “mas a matéria do tempo se interpõe entre o desejo e os nossos gestos/ completamente alheia ao nosso desejo de ser/ um corpo que habita o espaço e no espaço se consuma”.

³⁶ Não esqueço de todo o uso do “como se... e o mundo se reconstituísse”.

“Para arder no lume da intensa doçura” (p. 32)

Chegados ao desejo da linguagem como única ponte para o sentido, vemos o caminho frustrado no seu objectivo final. Incapazes de guiar a palavra ao “seu alvo redondo”, resta-nos desviá-la dele, aceitar a impossibilidade e, uma vez mais, rendermo-nos às delícias da resignação, vibrando com as forças da natureza. No entanto, e este é para mim o aspecto mais curioso e deliciosamente controverso e mesmo incoerente do poema, parece abrir-se uma porta a que esse fruir resignado, essa aceitação dócil, seja, enfim, o tributo ao real que permita, um dia, retornar ao princípio explicativo.

“Escrevo não para saber” (p. 36)

O poema que escolhi em seguida marca exactamente o desenvolvimento desta noção da fruição, até aqui tida por adormecimento, como possível solução. Esta fruição trará uma escrita que busca ser, não resposta, mas alternativa, “um espaço de palavras/ que correspondam à ingenuidade da minha aspiração”. A integridade, o todo poderá ser então, apenas, um momento de “embalo”, de “desejo” e de “sossego”, mas só no sacrifício da palavra.

“Escrever é procurar corresponder” (p. 42)

E, no entanto, a escrita não poderá nunca cingir-se ao escapismo. Procurará sempre ser veículo para a compreensão de algo, de uma essência³⁷, que no entanto, embora não desistamos de procurar, temos a consciência de não estar certos sequer da sua existência. Ainda assim, é nessa “incerteza radical” que reside o campo da possibilidade, a nossa liberdade de criar lógicas que se aproximem do uno primordial,

³⁷ “A finalidade da poesia é estabelecer a integração imediata no mundo através da combustão verbal, salvar o mundo e o homem no seu encontro e na sua unidade.” (António Ramos Rosa, *Poesia, Liberdade Livre*, 1962: 12).

no sentido mais lato do termo. A chave do pensamento apresentado por Ramos Rosa parece ser precisamente “Nunca sabemos mas precisamos” – temos a lucidez da nossa ignorância, mas recuamos perante o vazio, temos um horror natural ao nada, que nos empurra a criar. O poema alinha com Oscar Wilde na noção de que todos vivemos numa sarjeta, mas generaliza a capacidade de olhar as estrelas numa intrínseca necessidade humana, inerente à existência. Assim, embora conscientes da finitude e da vacuidade³⁸, somos impelidos pelo desejo de criar um reduto³⁹ já não no corpo, mas na palavra, pedaço de eternidade no fluir que ainda queremos imaginar circular⁴⁰.

“Ninguém é o sócia ou o duplo de si” (p. 43)

Neste poema é retomada em plena força a impossibilidade de conhecimento real absoluto, nem mesmo do eu, e isto porque o real não cabe nos códigos de lógica que gerem o entendimento. De mim chegam-me apenas figuras imperfeitamente moldadas a partir de um interior informe, mutante, explosivo – “magma”. O verdadeiro eu já não está acessível sequer sob máscara, pois sabê-lo mascarado, implicaria conhecê-lo. O eu vive periclitante envelhecendo⁴¹ e deixando para trás um projecto de si necessariamente fútil, vão e irrealizado⁴², porque refém da existência humana, grilhão desconhecido ao sonho juvenil. No entanto, em plena assumpção de impossibilidade, vacuidade e pessimismo, surge o habitual ‘mas’, que mais não é que a incapacidade humana de desistir e (sobre)viver no vazio e de cessar

³⁸ “O silêncio do tempo diz-nos que é a única realidade/ e que ela nos conduz à degradação e à morte”.

³⁹ “a tranquila liberdade de um equilíbrio novo”.

⁴⁰ “incessante círculo do tempo”.

⁴¹ “um solo enrugado”.

⁴² “uma estátua de cinza”.

de procurar a integridade absoluta, que afinal residirá apenas no seu próprio corpo e na paz erótica.

“A lancinante doçura de uma canção” (p. 45)

Eis-nos em pleno reduto do escapismo e do desfrute imediato do real, sem exigência de leituras mais complexas. Não busca o poema sentido, mas apenas “a melodia nua em culminação de jubilosa insignificância”. E, no entanto, sabemos angustiadamente que para desfrutar dessa melodia escolhemos não seguir as palavras. Na descrição desta nossa viagem rumo ao inacessível, surge pela primeira vez no livro o termo “constelação”, enquanto equilíbrio lógico natural re-atingível.

“O que não é ainda o que está para ser” (p. 46)

Reconhecendo que a “integridade de um sentido” não está “ainda” atingido, o ainda confere a esperança afinal indispensável ao humano, a expectativa de algo que “perpetua o mundo para além de nós”. A aposta do poeta vai, obviamente, para a palavra – o único meio de encontrar “a rosa do possível/ sobre o impossível solo que a nega e a suscita”. É do desespero deserto, da aridez que sufoca a esperança que irrompe o resistente cacto que, se anseia, dará origem à rosa. Também neste poema se dá o movimento inverso ao habitual, e o ‘mas’ surge para refutar esta expectativa, denunciando essa esperança como um “movimento do sono adolescente”. Surge assim a mais violenta recusa de crença em lógica universal, harmonia de esferas favorável ao humano: “o ritmo das esferas [é] o rolar de uma bola de esterco que um escaravelho empurra”.

“Quem poderá ser fiel como um vegetal silencioso?” (p. 47)

Incapaz de encontrar uma nova resposta, mas também de aceitar as respostas ficcionais de outrora, o homem lúcido ambiciona pelo estado vegetal, pela aceitação passiva e deleitada de uma lógica incompreendida, ou até da ausência de sentido. No entanto, sabe que

é incapaz dessa lealdade muda. A “terra” – natureza – parece em paz com os ditames universais, mas o “mundo” – humano – nunca poderá acomodar-se a uma quietude oca de significado. Há esperança, mas com dúvida, na palavra. Deseja-se uma paz natural, mas “Sabemos que não chegaremos ao porto harmonioso/ em que respiraríamos a liberdade de ser/ o que nunca fomos e poderíamos ser”. A insistência humana, a esperança existencial surgem neste poema, declaradamente, como ilusões. “Insistimos”, mas a madrugada, inequivocamente, “não vem”.

“Há sempre o mais que é um excesso de ser” (p. 49)

Neste poema, a nostalgia do paraíso e das explicações originais surge marcada pelo reconhecimento de que a intelectualidade nunca permitirá um regresso ao pretense estado natural. Nem mesmo a linguagem parece ser capaz de atingir a pureza do nada. De facto, “O poema nunca tem a ligeireza cintilante de um regato”. Tentamos apenas “restaurar”, enquanto lamentamos ter perdido a nossa “sossegada lucidez”, que assim se cria e não era. E escrevemos...

“Estou ouvindo sem ouvir o que sempre ouço” (p. 54)

É o fim. Sobrevivemos ao fim de toda a esperança através da habituação, da repetição narcotizante dos gestos automáticos. Desistimos da ideia da linguagem como possível resgate do abandono existencial: “Nunca uma palavra ou um gesto poderá alterar esta ausência/ do que nunca se manifesta mas que faz surgir os seres e as coisas”. É o fim. Reconhecemos, por fim, a inescapável realidade de uma existência sem plano, nem guia, num “fortuito fluir”, mas não deixamos de conceber/imaginar a presença de um “ausente” cuja procura será talvez vã, mas também inibidora⁴³. A morte surge mesmo como fim, e um

⁴³ “e a sua presença seria um excesso que anularia a nossa liberdade”.

terminar inconclusivo, indefinido, permanentemente prematuro. É o fim do sonho de uma génese.

Constelações

“O mundo não é o mundo” (p. 57)

340

Permanece uma fonte de esperança no reconhecimento da densa complexidade do Universo, de uma lógica universal cuja existência apoiará a possibilidade de uma lógica existencial que sustente o projecto humano. O espaço, a sua milagrosa renda de equilíbrios em contínuo movimento, será, então, a prova maior da existência de uma essência não contingente que sacie as dúvidas da Humanidade. Pertenceremos, então, à grande cadência universal?⁴⁴ Com essa noção de pertença, de inclusão, de existência concatenada, apesar da ausência de explicação, teríamos renovada a confiança na possibilidade da existência de “uma palavra inaudível/ que é a origem...”.

“Os amantes imponderáveis são archotes da matéria” (p. 62)

A união física que surgiu até aqui como forma de suplantação da impossibilidade de união primordial universal cai por terra. A realidade paralela que em “ébria lucidez do esplendor” os amantes geram é bela, viva, forte, como um “archote”, mas, como ele, é fugaz⁴⁵, criação humana efémera, roubo à eternidade, talvez, mas não sua conquista. Ainda assim, permite a conquista de uma lógica outra, obtida pela queda do racional no corpo, e que gera vida, “em arabescos de fogo”, mas também “tranquilidade”.

⁴⁴ Esta ideia nada tem de novo; é aliás, comum às teorias ocidentais renascentistas de melodia das esferas celestes e a várias cosmogonias de distintos povos em estado mítico. E, no entanto, o equilíbrio universal continua a maravilhar o espírito crítico do vigésimo primeiro século e a entreabrir a porta da esperança.

⁴⁵ “matéria”, “verdura”.

“Os dias passam na sua existência vagarosa e vã” (p. 64)

Na existência diária somos confrontados com a possível inatingibilidade ou mesmo inexistência de um ponto inicial do real, pleno de sentido e lógica. A poesia não é mais salvação, porque permanece irreal, embora necessária: afinal “Nenhum pastor nenhum anjo do mar nenhuma figura repousada/ vêm na lentidão do dia trazer em ânforas brancas a dourada lava/ que daria ao mundo o sentido cintilante de um enigma nupcial.”. E assim os dias sucedem-se, deixando-nos reféns da rotina mitificadora e alargando a cratera do sem sentido.

“Se há um outro lado do mundo” (p. 70)

A esperança permanece ao acreditarmos, reféns da ausência de evidência de qualquer lógica primordial, que “Se há um outro lado do mundo viver é não vê-lo”. Nem a ausência total nos oblitera a capacidade de sonhar e conceber um terreno de lógica paralela capaz de frutificar a possibilidade de conhecimento real do sentido do Mundo. Não desaparece, no entanto, a questão profunda e aterradora: será que “a única realidade é o puro desaparecimento”?

“Talvez a simplicidade nunca seja atingida” (p. 77)

O poema, perseguindo a questionação mais radical de “Constelações”, coloca em causa a capacidade humana de se isolar da ficção que governa a sua visão do Mundo. Surge então o desejo do poema sincrético, que, incapaz de anular os pólos, os congregue numa visão absoluta.

“A palavra nunca chega ao puro extremo” (p. 78)

É que, de facto, a palavra apenas se aproxima de, “presente” a “integridade inicial”, mas explorada de voz em voz, sucumbe aquém da real percepção.

“Se a vida como um rio tivesse duas margens” (p. 84)

Uma vez mais se afirma a necessidade de, ainda que infundadamente, acreditar numa outra aproximação, primordial, à existência, pois “Sem essa alternativa vivemos amputados”. E, assim, se a palavra, com a sua dimensão de representação e de conteúdo, não logra atingir o apaziguar, que o faça a melodia pura e formal de “guitarra”, tornando-se numa “folhagem de sono”, num esquecimento, numa acomodação sempre fugaz.

“Há palavras que esperam” (p. 90)

E assim, surge a escrita já não como compreensão do real, mas como grito pela impossibilidade de a atingir e como desejo de criação e fusão, de fuga ao vácuo.

Terá, por certo, o leitor notado a gradual concentração nas leituras dos diversos poemas escolhidos. Tão notório percurso⁴⁶ traduz, necessariamente, a forte coesão interna das ideias veiculadas por António Ramos Rosa. Não há nesta obra um mero ramalhete de textos dispersos, mas sim aquilo que funcionou como súpula poética da obra, da vida e da reflexão do seu autor. A grande questão existencial da motivação⁴⁷ do Universo e o confronto com a hipótese de ausência

⁴⁶ Que é, afinal, a “(...) travessia até ao avesso da face imediata da realidade (...)” (Ana Paula Coutinho Mendes, 2002: 21).

⁴⁷ “La religión es una interpretación de la condición original del hombre arrojado en un mundo extraño y ante el cual su primera sensación es la de abandono, orfandad, desamparo. Podemos juzgar de muchas maneras el sentido y el valor de la interpretación religiosa. Podemos decir, por ejemplo, que es un acto de hipocresía inconsciente, valga la paradoja, por medio del cual nos engañamos a nosotros mismos antes de engañar a nuestros semejantes. O podemos decir que es una manera de conocer, más bien, de penetrar en la *otra* realidad, esa región que nunca vemos con los ojos abiertos. También podemos decir que quizá no es sino la manifestación de una tendencia inherente a la naturaleza humana.” (Octavio Paz, 1998: nota 3, 236-7).

real de resposta⁴⁸ são o ferro que grava todas as palavras deste livro, como de muita da obra rosiana. Uma vez atingido o nível supremo de questionação é impossível abandoná-lo por reflexões menores⁴⁹. Não é, no entanto, uma obsessão: é sim o desnudar total dos mitos, mais ou menos obsessivos, com que o Homem veste o real⁵⁰. Assim, escavando-se a si e ao Mundo, o sujeito fica reduzido a um esqueleto, frio talvez, mas sempre resistente e única estrutura que suporta toda o conjunto de músculo (criação de alternativas) e carne (delírios) que o Homem lhe impõe.

São quatro os matizes temáticos⁵¹ que regem a abordagem rosiana à existência universal neste livro: a consciência existencialista, a ques-

⁴⁸ É o “homem aberto ao mundo, nu, despojado de todas as certezas e mitos, pressentindo a presença iminente mas sentindo a sua opacidade irreduzível (...)” (António Ramos Rosa, “Consciência do Inexprimível”, in *A Parede Azul*, 1991: 21).

⁴⁹ Daí que a repetição temática não seja um factor (muito menos uma falha) artístico, mas sim uma consequência directa da compreensão da questão inicial, associada à recorrente ausência de resposta. Afinal, como nos diz Eduardo Lourenço, “Em poesia – e se calhar em tudo – a cronologia é má conselheira. Inculca «evoluções» ou «involuções» lá onde precisamos de todo o sangue-frio para reconhecer a densidade e o peso que não são fruto obrigado do tempo, embora possam acompanhá-lo.” (Lourenço, 1987: 207). Por isso se pode afirmar, como Casimiro de Brito, estarmos perante “Poemas que se organizam em sistema «lógico» e dizem todos a mesma coisa e usam todos as mesmas poucas palavras. E no entanto cada uma delas é irreduzível.” (Brito, 2001: 52). Resumindo, “(...) sua escrita continua a percorrer, cada vez mais obsessivamente o(s) mesmo(s) caminho(s). Daí que as repetições se tornem frequentes de livro para livro, e daí também que um leitor apressado possa supor que a mesma coisa já tinha sido dita algures, num ou noutro livro do poema ou do autor. Uma leitura deste tipo não chega, no entanto, a ser sequer leitura. É que a própria questão das repetições (ou melhor, da longa e única repetição em que estes textos consistem) é assumida como tal, fazendo parte intrínseca do fio condutor desta poesia.” (Fernando Pinto do Amaral, 1984: 12).

⁵⁰ “A poética de António Ramos Rosa revela-se-nos (...) em corajosa fidelidade uma condição humana feita de silêncios e de tumultos, de plenitudes e de desencontros, de unidade e de contradição” (João Rui de Sousa, 1998: 68).

⁵¹ O corte em quatro áreas temáticas é aqui feito para maior clareza, não sendo,

tionação da escrita, particularmente da poesia, e da linguagem como um todo⁵², a erotização da vida, o corpo fonte de desejo e amor e a relação com a natureza, terrena e cósmica.

O autor vive uma reflexão existencial permanente, à qual subjuga, não por vontade, mas por necessidade, todas as outras reflexões. Não são “as convicções de fundo (a vida, o homem, o sentido)” (Maria Teresa Dias Furtado, 1980: 66), mas estas mesmas enquanto *dúvidas* de fundo. No entanto, este não é um drama que o isole, que o separe do ruminar quotidiano – ele busca, não direi despertar os demais, mas encontrar entre eles a certeza da partilha da consciência da condição humana: “(...) o poeta é, essencialmente, um ser com (os outros) e um ser para (os outros). Esta gênese, que é uma abertura aos outros e ao mundo (...)”⁵³ enuncia o próprio António Ramos Rosa. Não se trata nunca de auto-comiseração, de deleite por uma superioridade atingida pela lucidez – não é tão-pouco desespero autofágico: é apenas o reconhecimento do sem sentido universal, pura e simples, mas tão profundamente complexa, constatação. Até porque António Ramos Rosa parece alinhar com Albert Camus quando o francês afirma, apesar de tudo, haver nos homens “mais coisas para admirar que coisas para desesperar”. Aliás, o desespero de Rosa não passa, em *Gênese*, pelo confronto com o Humano, mas sim com o todo universal. Essa

obviamente, consistente com qualquer divisão estanque na obra em si, ou mesmo em qualquer dos seus poemas.

⁵² “A reflexão metapoética sobre a possibilidade e os limites da linguagem é um dos temas mais recorrentes em Ramos Rosa, explícita ou mesmo teoricamente tratado, ou para que remetem sempre, de um modo ou outro, todas as soluções estéticas e os recursos imagéticos utilizados pelo poeta.” (Maria Irene Ramalho Sousa Santos, “A Língua do Silêncio – Posfácio a *A Mão de Água e a Mão de Fogo*”, in António Ramos Rosa, 1987: 263).

⁵³ “A leitura de um livro por outro livro e a sua correspondência intertextual” – Introdução a *A Imobilidade Fulminante*, 1998.

consciência gritante que a lucidez⁵⁴ lhe proporciona obriga-o a buscar a partilha e a eternidade, condensadas na escrita: “(...) aquele que escreve confronta-se com a finitude (...) o saber-se mortal introduziu na vida a necessidade (a liberdade) de se arrancar ao deserto da mudez natural (...) as suas hipóteses de equilíbrio são pois as de fazer com que as suas palavras construam um lugar de começo (...) o peso de uma condição mortal que é, ainda, a força que faz o homem elevar-se na sua solidão para deixar o rasto de cinza vibrante que outros procurarão como impulso de novos inícios.” (Silvina Rodrigues Lopes, 2001). As palavras e, particularmente, a escrita surgem como necessidades para a sobrevivência ao reconhecimento lúcido da (possibilidade de) vacuidade universal. Digo possibilidade porque não esqueço que são excepcionais os momentos em que António Ramos Rosa não deixa indiciar uma “corola” de luz através de uma janela de esperança⁵⁵. Será, talvez, “uma utopia trágica porque alheia a qualquer realidade (...) [mas] também uma utopia dogmática”⁵⁶, porque única solução. Essa sobrevivência poderá passar tanto pela partilha, como pelo gerar de um mundo alternativo⁵⁷ “por exercício da linguagem” (Jacinto do Prado

⁵⁴ Enquanto “(...) luz estruturante da consciência (...)” (Yvette Kace Centeno, 1977: 43).

⁵⁵ “Em Ramos Rosa a aridez da busca é acompanhada dum foco de esperança, dum fio de sentido que ilumina um novo ângulo da Visão.” (Maria Teresa Dias Furtado, 1981: 68).

⁵⁶ Maria Teresa Dias Furtado, 1980: 66.

⁵⁷ “(...) as palavras (...) sustêm a construção de uma outra pátria, de um outro mundo de uma frescura mais cálida e azul, solidário e fraterno, onde o poeta possa circular em liberdade livre.”; “É este desajuste, face ao mundo dos outros, ou esta dilaceração entre a contingência do real e a irrealidade imanente que incentiva esta poesia a construir o seu próprio *mundus imaginalis* ou mundo possível de linguagem.”; “(...) o tema da ignorância (...) outro dos aspectos importantes e recorrentes desta poética.”; “(...) a escrita é sempre um caminho de palavras pela ausência e pelo vazio, pelo silêncio e pela morte, pela aridez e solidão.” (Paula Cristina Costa, 2002).

Coelho, 1981: 69). A linguagem passa a ser o veículo privilegiado de contacto com o mundo⁵⁸, provavelmente o único veículo possível ao raciocínio humano⁵⁹, ainda que imperfeito, pois não se apaga o “carácter de simulação de significado própria do poema” (Rui Magalhães, 1987-88: 299). Ora, sendo a palavra o único resgate⁶⁰ do “caos, o nada, o indefinido” (Maria Graciete Besse, 1981: 31), nada mais natural que proceder a uma séria reflexão a seu respeito, tornando-se a poesia de António Ramos Rosa, muitas vezes, uma reflexão não sobre si própria, mas sobre a poesia como um todo⁶¹, numa questionação recheada da lucidez⁶² que afasta António Ramos Rosa não do sentimento, da

⁵⁸ “Na sua poesia a inserção do homem no seio do mundo é operada pela palavra: geradora, rito de passagem e circulação entre eles.”, diz Rosa Alice Branco (R. A. Branco e Rodrigo Petronio, s/d).

⁵⁹ “(...) ao interrogar a palavra, é o mundo e a vida que questiona. E também por isso a liberdade reclamada para a palavra é a liberdade de ser, e não apenas a de ser proferida ou impressa. Porque o universo é sentido como linguagem, a poesia tem nele um referente e um interlocutor, e ao poeta, o primeiro tema que se lhe impõe é o da palavra. É assim que se estabelece, entre a Natureza e a palavra, e entre a linguagem e o homem, a maior de todas as correspondências.” (Maria Estela Guedes, s/d).

⁶⁰ “(.) a obra ascende do obscuro *pathos* que impregna a sua génese a um ordem estética em que a luz da sua estrutura a consagra e autonomiza, abrindo-a ao mundo e a um número limitado de leituras; tornando-se ela própria num imenso e impessoal receptáculo de afectos – um *mundo aberto* e indefinidamente disponível.” (Maria João Reynaud, 2004: 333-4).

⁶¹ “(...) a necessidade que esta poesia tem de se autoanalisar permanentemente, de se reflectir como ser de papel (diria Barthes) que é. Assim, poesia e metapoesia são uma rima rica na escrita de António Ramos Rosa, lembrando frequentemente ao seu leitor que este poeta é também um filósofo da linguagem, ou um poeta animado pela filosofia (...) um pensamento filosófico, entrelaçado ao poético, que fazem desta poesia um espaço não só de criação mas também de reflexão (...)” (Paula Cristina Costa, 2002).

⁶² É, aliás, a “autoconsciência aguda que define a poesia de Ramos Rosa”, segundo Eduardo Lourenço (1987: 207).

emoção, do prazer⁶³, mas da sua experiência não racionalizada. Aliás, a experiência cutânea da vida, ainda que quase sempre aliada à erotização da escrita⁶⁴, nunca está longe do pensamento de António Ramos Rosa, surgindo-lhe como escape, como prova da existência de um propósito supremo e até como resposta às dúvidas da existência. Amor e erotismo incendeiam e, por isso, iluminam a existência⁶⁵. No entanto, a lucidez anterior ao fogo não permite deixar de questionar até que ponto as chamas transfiguram o real e criam um jogo de sombras platónicas. E é por se perderem, uma vez atingida a lucidez, todos os alicerces de ar que lhe garantiam falsa sustentação que o sujeito anseia o equilíbrio natural, que consegue conciliar uma extrema complexidade funcional com uma profunda paz, um estado vegetal, animal, mineral, cósmico de plena fusão universal.

Há, no entanto, uma clara marca de distinção entre *Génese* e *Constelações*, como indiciado nos poemas escolhidos: de facto, se

⁶³ “Emoção e consciência crítica equilibram-se aí perfeitamente.” (Robert Bréchon, 1982: 6).

⁶⁴ “Nesta poesia, o processo de erotização da mulher é mediatizado por uma erotização cósmica que, por sua vez, reenvia para a erotização da escrita. A mulher na poesia de António Ramos Rosa é uma mulher cósmica (...) o amor nesta poesia revela-se indistintamente no corpo da mulher, no corpo da terra e no corpo da palavra poética.” (Paula Cristina Costa, 2002); “No rasto da pergunta «Que é e como nasce a poesia?», Ramos Rosa faz emergir outra das vertentes do seu livro, a união entre a escrita e o desejo, sendo que, na sua solaridade, se pressente um reverso trágico, tradição dos poetas erótico-cósmicos.” (Ana Marques Gastão, 2005; “A arte é uma insatisfação permanente (...) Escrever é esperança de contacto, desejo de contacto, aspiração à palavra perfeita – a que magnetiza e faz comungar duas pessoas (...) superando as lacunas da comunicação (...)” (Maria Teresa Dias Furtado, 1980: 67).

⁶⁵ “(...) a função epifânica da relação amorosa (...)” (Ana Paula Coutinho Mendes, 2002: 32).

em *Gênese* se verifica a busca de um sentido mesmo inerente ao real, uma lógica universal *a priori* que há que reconquistar, em *Constelações* indicia-se já, na pura imanência, como única solução (ou para a inatingibilidade desse real lógico, ou para a sua pura inexistência⁶⁶) do Homem cansado da sua própria nostalgia de Deus a criação humana de uma arquitetura lógica, não de escapismo mas de tomada de rédeas de um destino que parece ser cavalo sem sela nem rumo senão o imposto pelo Homem ele próprio. E que melhor escolha para esta fase que o termo ‘constelação’, imposição do raciocínio humano à existência da natureza?

Assim, numa tentativa de aproximação a uma arte poética (e existencial) rosiana, diria que, partindo de uma unidade primordial prevista e mesmo afirmada, se chega a um momento de verdadeira dispersão estelar, de desconhecimento de ligações outras, causalidades outras que não as concebidas pelo pensamento humano, daí as constelações que agregam essa dispersão, não *a priori*, mas *a posteriori*. O terceiro passo é o de uma desejada nova unidade final, retorno ou não ao momento original, na qual se saciem todas as dúvidas na re-união universal⁶⁷. É assim que a sua poesia, como lembra Pascal Fleury no posfácio a *Gênese*, “luta contra tudo o que nos perturba”. O reconhecimento do desespero conduz António Ramos Rosa à tentativa de resistência⁶⁸ através de uma Estética concebida como fusão de

⁶⁶ Confrontado o Homem com “(...) uma ausência indesarmável e uma Presença apaziguante e inesgotável (...)”, mas de “(...) miragens (...)” (Eduardo Lourenço, 1987: 202).

⁶⁷ “(...) o milagre monstruoso de uma coincidência anterior a todas as palavras que possam falar dela.” (Eduardo Lourenço, *idem*: 206).

⁶⁸ “A literatura pode superar o silêncio existindo, subsistindo.” (Maria Teresa Dias Furtado, 1980: 65).

percepção racional e de sentido poético⁶⁹, na eterna dança de corte entre Razão e Corpo⁷⁰.

Agradecimentos

A minha estima e apreço à Prof. Doutora Maria João Reynaud pelas gratas e inesquecíveis tardes de discussão livre e profunda vividas nas aulas de pós-graduação e todo o apoio e simultânea independência com que acompanhou o desenvolvimento deste pequeno trabalho. Ao Prof. Doutor Francisco Topa a admiração intelectual, pedagógica e humana e a gratidão pela oportunidade de publicação.

Bibliografia activa

Poesia

1958, *Grito Claro*, Faro, Edição do Autor, Colecção A Palavra.

1960, *Viagem Através duma Nebulosa*, Lisboa, Ática (2.º Prémio Fernando Pessoa atribuído pela editora).

1960, *Voz Inicial*, Lisboa, Moraes Editores, Colecção Círculo de Poesia.

1961, *Sobre o Rosto da Terra*, Covilhã, Editora Livraria Nacional, Colecção Pedras Brancas.

1963, *Ocupação do Espaço*, Lisboa, Portugália Editora.

⁶⁹ “Para focar de novo o homem, aquele que está na contínua tensão potência-acto, pobreza-abundância, indivíduo-sociedade, fraqueza-força, é preciso reinventar de novo a linguagem no equilíbrio do entusiasmo (faculdade que hoje parece ter diminuído consideravelmente) e da reflexão, na dimensão de interioridade de que o homem é capaz.” (*idem, ibid.*).

⁷⁰ “Dessas miraculosas núpcias da lucidez e da emoção tanto se podia ter concluído que a razão era poética como a poesia a mais alta razão.” (Eduardo Lourenço, 1987: 203).

- 1964, *Terrear*, Lisboa, Minotauro.
- 1966, *Estou Vivo e Escrevo Sol*, Lisboa, Ulisseia.
- 1969, *A Construção do Corpo*, Lisboa, Portugália Editora.
- 1970, *Nos Seus Olhos de Silêncio*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- 1972, *A Pedra Nua*, Lisboa, Moraes Editores (Prémio de Literatura da Casa da Imprensa).
- 1975, *Ciclo do Cavalo*, Porto, Limiar.
- 1977, *Boca Incompleta*, Lisboa, Arcádia.
- 1977, *A Imagem*, Porto, O Ouro do Dia.
- 1978, *As Marcas no Deserto*, Lisboa, & Etc.
- 1978, *A Nuvem Sobre a Página*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- 1979, *Figurações*, Porto, O Ouro do Dia.
- 1979, *Círculo Aberto*, Lisboa, Editorial Caminho.
- 1980, *O Incêndio dos Aspectos*, Lisboa, A Regra do Jogo (Prémio do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários; Prémio PEN Clube de Poesia).
- 1980, *Declives*, Lisboa, Contexto.
- 1980, *Le Domaine Enchanté*, Porto, O Ouro do Dia.
- 1980, *As Marcas no Deserto* (edição bilingue português-francês), Lisboa, Editorial Vega.
- 1980, *Figura: Fragmentos*, Porto, O Ouro do Dia.
- 1981, *O Centro na Distância*, Lisboa, Arcádia.
- 1982, *O Incerto Exacto*, Lisboa, & Etc.
- 1983, *Quando o Inexorável*, Porto, Limiar.
- 1983, *Gravitações*, Lisboa, Litexa.

- 1984, *Dinâmica Subtil*, Lisboa, Ulmeiro.
- 1985, *Mediadoras*, Lisboa, Ulmeiro.
- 1985, *Ficção*, Porto, Nova Renascença.
- 1986, *Volante Verde*, Lisboa, Moraes Editores.
- 1986, *Vinte Poemas para Albano Martins*, Porto, Exercício de Dizer.
- 1986, *Clareiras*, Lisboa, Ulmeiro.
- 1987, *No Calcanhar do Vento*, Coimbra, Centelha.
- 1988, *O Livro da Ignorância*, Lisboa / Ponta Delgada, Signo / Brumarte.
- 1988, *O Deus Nu(lo)*, Viana do Castelo, Centro Cultural do Alto Minho.
- 1989, *Três Lições Materiais*, Lisboa, Kairos.
- 1989, *Acordes*, Lisboa, Quetzal (Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores).
- 1990, *O Não e o Sim*, Lisboa, Quetzal.
- 1990, *Facilidade do Ar*, Lisboa, Editorial Caminho.
- 1990, *Estrias*, Lisboa, Átrio.
- 1991, *A Intacta Ferida*, Lisboa, Relógio D'Água.
- 1991, *A Rosa Esquerda*, Lisboa, Editorial Caminho.
- 1991, *Oásis Branco*, Lisboa, Átrio.
- 1992, *Pólen-Silêncio*, Porto, Limiar.
- 1992, *As Armas Imprecisas*, Porto, Edições Afrontamento.
- 1992, *Clamores*, Lisboa, Editorial Caminho.
- 1992, *Dezassete Poemas*, Lisboa, Editorial Escritor.
- 1993, *Lâmpadas Com Alguns Insectos*, Guimarães, Pedra Formosa.
- 1994, *O Teu Rosto*, Guimarães, Pedra Formosa.

- 1994, *O Navio da Matéria*, Vigo, Espiral Maior.
- 1995, *Três*, Lisboa, & Etc.
- 1995, *À la table du vent*, edição bilingue; prefácio de Robert Bréchon; Nantes, Le Passeur.
- 1996, *Delta seguido de Pela Primeira Vez*, Lisboa, Quetzal.
- 1996, *Figuras Solares*, Lisboa, Ara – galeria de arte / Publicações Dom Quixote.
- 1997, *À Mesa do Vento seguido de As Espirais de Dioniso*, Guimarães, Pedra Formosa.
- 1997, *Versões / Inversões*, Santarém, O Mirante.
- 1998, *A Imobilidade Fulminante*, Porto, Campo das Letras.
- 1999, *Pátria Soberana seguido de Nova ficção*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições.
- 2001, *As Palavras*, Porto, Campo das Letras.
- 2001, *O Aprendiz Secreto*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições.
- 2001, *Deambulações Oblíquas*, Lisboa, Quetzal.
- 2002, *O Sol É Todo O Espaço*, Lisboa, Editorial Escritor.
- 2002, *Os Volúveis Diademas*, Vila Nova de Gaia, Ausência.
- 2005, *Génese seguido de Constelações*, Lisboa, Roma Editora.
- Disco: *Poesia Portuguesa – António Ramos Rosa*, Philipps. Ref^a 431-996.

Volumes Colectivos

- 1989, *Duas Águas, Um Rio*, em colaboração com Casimiro de Brito; Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- 1991, *Rotações*, com Agripina Costa Marques e Carlos Poças Falcão; Lisboa, Cadernos Solares.

1993, *O Centro Inteiro*, com Agripina Costa Marques e António Magalhães; Lisboa, Cadernos Solares.

1994, *Méditations Metapoétiques*, com Robert Brechon.

2002, *O Alvor do Mundo*, com Maria Teresa Dias Furtado; Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições.

2005, *Bichos Instantâneos*, com Isabel Aguiar Barcelos; Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições.

Antologias

1974, *Horizonte Imediato*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

1974, *Não Posso Adiar o Coração* – Obra Poética: Volume I, Lisboa, Plátano Editores.

1975, *Animal Olhar* – Obra Poética: Volume II, Lisboa, Plátano Editores.

1975, *Respirar a Sombra Viva* – Obra Poética: Volume III, Lisboa, Plátano Editores.

1977, *A Palavra e o Lugar*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

1983, *Matéria de Amor*, Lisboa, Editorial Presença.

1987, *A Mão de Água e a Mão de Fogo*, Coimbra, Editorial Fora do Texto.

1989, *Obra Poética*, Coimbra, Editorial Fora do Texto.

1997, *Poemas Escolhidos*, org. de Maria Filipe Ramos Rosa; Lisboa, Contexto.

2001, *Antologia Poética*, org. de Ana Paula Coutinho Mendes; Lisboa, Publicações Dom Quixote / Círculo de Leitores.

2001, *Vagabundagem na Poesia de António Ramos Rosa seguido de uma Antologia*, org. de Casimiro de Brito; Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições.

Ensaio

1962, *Poesia, Liberdade Livre*, Lisboa, Moraes Editores.

1979, *A Poesia Moderna e a Interrogação do Real I e II*, Lisboa, Arcádia.

1987, *Incisões Oblíquas*, Lisboa, Editorial Caminho.

1991, *A Parede Azul*, Lisboa, Editorial Caminho.

Bibliografia passiva

354

ANÓNIMO

1988, “Treze anos de liberdade”, in *A Capital*, 5 de Março, p. 5.

ALMEIDA, Isabel

1981, “A ordem desliza – Homenagem a António Ramos Rosa”, in *O Diário*, 1 de Novembro, pp. 10-11 (Tradução de um original de Pascal Fleury).

ALVIM, Pedro

1990, “Vindo das origens”, in *Diário de Lisboa*, 7 de Março.

AMARAL, Fernando Pinto do

1983, “O nome inominável – Recensão a *O Incerto Exacto*, de António Ramos Rosa”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 7 de Junho.

AMARAL, Fernando Pinto do

1984, “As palavras mais simples – Recensão a *Gravitações*, de António Ramos Rosa”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 8 de Maio, p. 12.

AMARAL, Fernando Pinto do

1989, “António Ramos Rosa: A divina matéria”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 30 de Maio, p. 21.

BARREIRA, Cecília

1984, “Num horizonte desmedido – Recensão a *Dinâmica Subtil*, de António Ramos Rosa”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 17 de Julho, p. 23.

BARREIRA, Cecília

1988, “A sabedoria da escrita – Recensão a *O Livro da Ignorância*, de António Ramos Rosa”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 11 de Outubro, pp. 16-17.

BELARD, FRANCISCO

1988, “Ramos Rosa”, in *Expresso – Revista*, Lisboa, 19 de Novembro, pp. 46-49.

BESSE, Maria Graciette

1981, “A palavra e o silêncio na poesia de António Ramos Rosa”, in *Colóquio / Letras*, Maio, pp. 30-38.

- BLOOM, Harold
1991, *A Angústia da Influência: Uma teoria da poesia*, Lisboa, Cotovia.
- BRANCO, Rosa Alice e PETRONIO, Rodrigo
s/d, “António Ramos Rosa: A transparência da terra [diálogos]”, in <http://www.revista.agulha.nom.br/ag47rosa.htm>
- BRÉCHON, Robert
1982, “António Ramos Rosa: O silêncio e o grito”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 2 de Março, pp. 6-7.
- BRITO, Casimiro de
2001, *Vagabundagem na Poesia de António Ramos Rosa. Seguido de uma antologia*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições.
- CARLOS, Luís Adriano; FRIAS, Joana Matos Frias (ed.)
2004, *Cadernos de Poesia*, Porto, Campo das Letras.
- CASTRO, E. M. de Mello
1992, “O contraponto da escrita – Recensão a *A Parede Azul*, de António Ramos Rosa”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 5 de Maio, pp. 12-13.
- CENTENO, Yvette Kace
1977, “*Ciclo do Cavalo* de António Ramos Rosa: Uma leitura”, in *Colóquio / Letras*, n.º 35, Janeiro, pp. 41-6.
- COELHO, Eduardo Prado
1970, “António Ramos Rosa e o espaço interior do mundo”, in Suplemento Literário do *Diário de Lisboa*, 19 de Fevereiro.
- COELHO, Jacinto do Prado
1981, “Sobre Ramos Rosa”, in *Colóquio / Letras*, n.º 60, Março, pp. 69-70.
- COSTA, Paula Cristina
2002, “Da palavra nómada aos limiares da palavra amotinada pelo desejo – Prefácio a *Os Volúveis Diademas*”, in António Ramos Rosa, *Os Volúveis Diademas*, Vila Nova de Gaia, Ausência.
- COUTINHO, Ana Paula
s/d, “António Ramos Rosa e Robert Bréchon: dois poetas ao espelho de uma poesia sem fronteiras”, in http://ler.letras.up.pt/revistas/documentos/revista_58/artigo6851.pdf
- CRUZ, Gastão
1999, *A Poesia Portuguesa Hoje*, Lisboa, Relógio D'Água.

DOLEŽEL, Lubomír

1990, *A Poética Ocidental*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Eco, Umberto

2004, *Os Limites da Interpretação*, Lisboa, Difel.

FERREIRA, Vergílio

1965, *Espaço do Invisível I*, Lisboa, Portugalíia.

356

FERREIRA, Vergílio

1980, *Conta-corrente I*, Amadora, Livraria Bertrand.

FIALHO, Henrique

s/d, “8 de Junho de 2005”, in <http://antologiadoesquecimento.blogspot.com/2005/06/gnese.html>

FURTADO, Maria Teresa Dias

1980, “Ramos Rosa ou da superação do silêncio em poesia”, in *Colóquio / Letras*, n.º 57, Setembro, pp. 65-68.

FURTADO, Maria Teresa Dias

1981, “A procura e a perda no processo poético de Hölderlin e Ramos Rosa – Entre o rumor e o silêncio”, in *Colóquio / Letras*, n.º 62, Julho, pp. 65-69.

FURTADO, Maria Teresa Dias

1993, “Resposta a António Ramos Rosa: Deus paixão oculta”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 27 de Abril, p. 31.

GASTÃO, Ana Marques

2005, “António Ramos Rosa a palavra que pensa”, in *Diário de Notícias*, 16 de Maio, in http://dn.sapo.pt/2005/05/16/artes/antonio_ramos_rosa_a_palavra_pensa.html

GENETTE, Gérard

1986, *Introdução ao Arquitexto*, Lisboa, Editorial Veja.

GUEDES, Maria Estela

s/d, “António Ramos Rosa: A Obra ao Verde”, in http://www.triplov.com/2bienal_poesia/meg/index.htm e <http://www.revista.agulha.nom.br/ag45rosa.htm>

GUIMARÃES, Fernando

1978, “António Ramos Rosa – A poesia sob a forma de ciclo”, in *Colóquio / Letras*, n.º 45, pp. 28-35.

GUIMARÃES, Fernando

1989, *A Poesia Portuguesa Contemporânea e O Fim do Modernismo*, Lisboa, Editorial Caminho.

GUIMARÃES, Fernando

2001, "Literatura e reflexão", in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 7 de Fevereiro, p. 22.

GUIMARÃES, Fernando

2001a, "O que procura a palavra?", in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 4 de Abril, p. 21.

GUIMARÃES, Fernando

2001b, "Imaginação, subjectividade, mito", in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 12 de Dezembro, p. 21.

GUIMARÃES, Fernando

2002, "Subjectividade e objectividade na poesia contemporânea portuguesa", in Isménia de SOUSA e Maria de Lurdes Morgado SAMPAIO (orgs.), *Cadernos de Literatura Comparada*, n.º 5, Julho, pp. 41-49.
http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/ramos_rosa/raros_pc.html

HULME, T. E.

1995, *Imagens de Modernidade: Ensaio sobre poesia e arte*, Lisboa, Colibri.

IGREJA, Paula Cristina Lopes da Costa Cardoso

1999, *António Ramos Rosa: um escritor in fabula*, dissertação para doutoramento em Línguas e Literaturas Românicas, na especialidade de Literatura Portuguesa Moderna, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Lisboa, Edição da Autora.

LISTOPAD, Jorge

1978, "Recensão a *A Imagem*", in *Colóquio / Letras*, n.º 41, Janeiro, pp. 72-3.

LOPES, Óscar e MARINHO, Maria de Fátima (dir.)

2002, *História da Literatura Portuguesa – Volume VII: As Correntes Contemporâneas*, Mem Martins, Edições Alfa.

LOPES, Silvina Rodrigues

2001, "O condicional absoluto, Prefácio a *Deambulações Oblíquas*", in António Ramos ROSA, *Deambulações Oblíquas*, Lisboa, Quetzal.

LOURENÇO, Eduardo

1983, *Poesia e Metafísica*, Lisboa, Sá da Costa.

LOURENÇO, Eduardo

1987, *Tempo e Poesia*, Lisboa, Relógio D'Água.

MAGALHÃES, Rui

1987-88, "António Ramos Rosa: O caminho da materialidade", in *Revista da Universidade de Aveiro / Letras*, n.ºs 4-5, pp. 295-325.

MARQUES, Carlos Vaz

1988, "António Ramos Rosa: A sabedoria do poeta", in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 11 de Outubro, pp. 16-17.

MARTINHO, Fernando J. B.

1996, *Tendências Dominantes da Poesia Portuguesa da Década de 50*, Lisboa, Colibri.

MENDES, Ana Paula Coutinho

2002, "Da referência em alguma poesia contemporânea: Estrutura de horizonte e identidade relacional", in Isménia de SOUSA e Maria de Lurdes Morgado SAMPAIO (orgs.), *Cadernos de Literatura Comparada*, n.º 5, Julho, pp. 9-39.

MENDES, Ana Paula Coutinho

2003, *Mediação Crítica e Criação Poética em António Ramos Rosa*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições.

MIRANDA, Augusto (ed.)

1999, *Encontros de Outono – 1999, Homenagem da cidade de Faro a António Ramos Rosa*, Faro, Câmara Municipal.

MOURÃO, José Augusto,

s/d, "Em torno de um texto teórico de Ramos Rosa", in http://triplov.com/poesia/ramos_rosa/jam/index.htm

NUNES, Maria Leonor

2001, "António Ramos Rosa, Vida de palavras", in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 4 de Abril, pp. 17-20.

PAZ, Octavio

1998, *Los Hijos del Limo*, Barcelona, Seix Barral.

PEREIRA, Miguel Serras

1981, "O poema tornado declive – Recensão a *Declives*, de António Ramos Rosa", in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 3 de Março, p. 29.

PEREIRA, Miguel Serras

1981a, "Ramos Rosa: O segredo dos espaços – Recensão a *A Poesia Moderna*

e a *Interrogação do Real II*, de António Ramos Rosa”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 1 de Setembro, p. 26.

REYNAUD, Maria João

2004, *Sentido Literal*, Porto, Campo das Letras.

RIBEIRO, Cristina de Almeida

1985, *Poemas de Ramos Rosa*, Lisboa, Editorial Comunicação.

RODRIGUES, Urbano Tavares

1991, “Uma poesia mista de inocência e de sagesa”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 27 de Agosto, p. 9.

RODRIGUES, Urbano Tavares

1993, “A ilha da unidade viva – Recensão a *Clamores*, de António Ramos Rosa”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 16 de Fevereiro, p. 12.

SANTOS, Maria Irene Ramalho de Sousa

1990, “Língua amnésica ou boca do tempo: Um livro, dois poetas – Recensão a *Duas Águas e Um Rio*, de António Ramos Rosa e Casimiro de Brito”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 12 de Junho, pp. 16-17.

SERRA, Pedro e SILVESTRE, Osvaldo Manuel

2003, *Século de Ouro. Antologia crítica da poesia portuguesa do século XX*, Braga / Coimbra / Lisboa, Angelus Novus / Cotovia.

SILVEIRA, Jorge Fernandes

1979, “Recensão a *A Nuvem sobre a Página*”, in *Colóquio / Letras*, n.º 51, Setembro, pp. 74-75.

SIMÕES, João Gaspar

1959, *História da Poesia Portuguesa do Século XX: acompanhada de uma antologia*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade.

SOUSA, João Rui de

1998, *António Ramos Rosa ou O diálogo com o universo*, Leiria, Editorial Diferença.

TODOROV, Tzvetan

1981, *Os Géneros do Discurso*, Lisboa, Edições 70.

WUNDT, Max

1984, “La Ciencia Literaria y La Concepcion del Mundo”, in AAVV, *Filosofia de la Ciencia Literaria*, Madrid, Ediciones Fondo de Cultura Económica, pp. 427-452.

